

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM SOBRE A CRIANÇA E O PRAZER DE LER

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra; Francicleide Cesário de Oliveira Fontes; Iandra Fernandes Pereira Caldas; Jocelinha Macena da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, kekesoares@yahoo.com.br; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, fran.cesario@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, iandrafernandes@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, jocelinha.macena.s@hotmail.com.

RESUMO:

O presente trabalho é fruto do interesse em estudar a leitura na Educação Infantil, dando ênfase ao papel que a mesma desempenha na formação do gosto de ler nas crianças pequenas. Tem como objetivo principal refletir sobre a importância da leitura na vida das crianças para torná-las leitores efetivos. Para a concretização dos objetivos propostos foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, na qual procurou-se fundamentação teórica em autores que estudam a leitura, a criança e a formação do leitor, e enfocam a Educação Infantil e sua relevância na formação do aluno. Entre estes estudiosos, destacamos Villardi (1997), Fontana e Cruz (1997), Bettelheim (2001), Cavalcanti (2002), Abramovich (1997), e outros que proporcionaram a oportunidade de discutir o tema com maior profundidade. Ao realizar a pesquisa teórica, foi possível perceber que as práticas de leitura na Educação Infantil são muito importantes na formação do gosto pela leitura, no entanto, os professores ainda precisam rever a forma como a mesma vem sendo trabalhada na referida etapa do ensino.

Palavras-Chave: Leitura, formação do leitor, Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação Infantil se constitui como uma das etapas do ensino de maior importância para a formação do aluno leitor, pois é nessa fase que a criança entra em contato, pela primeira vez, com o conhecimento escolar. Embora muitas crianças já tenham experiências de leitura que trazem de casa, na escola ela encontrará um ambiente formal, onde a leitura, em grande parte das vezes, é utilizada como meio de se trabalhar um determinado conteúdo, perdendo, assim, o caráter lúdico que apresentava em casa.

Nessa perspectiva, nos propomos aqui discutir teoricamente acerca da importância que o tratamento que a escola dá às aulas de leitura e a própria atividade de ler acarreta para a formação do leitor, ou seja, em que medida o aluno desenvolve o gosto de ler a partir das experiências que tem nos primeiros anos de escola?

Para realizarmos uma discussão tão relevante como esta, visto que, é pela leitura que construímos conhecimentos, realizamos uma extensa pesquisa bibliográfica, a partir da leitura de

teóricos como Villardi (1997), Fontana e Cruz (1997), Bettelheim (2001), Cavalcanti (2002), Abramovich (1997), entre outros que nos fundamentaram na realização deste trabalho.

O interesse em abordar esse tema vem do nosso relacionamento com a Educação Infantil, através das experiências como professoras e/ou ex-professoras dessa etapa de ensino, as quais nos fizeram perceber que o trabalho com a leitura está presente de forma intrínseca, já que faz parte das atividades realizadas em sala de aula no dia-a-dia. Com isso, pretendemos refletir sobre a temática da leitura, não como ferramenta didática para trabalhar outros conteúdos, mas como forma de propiciar aos alunos a oportunidade de desenvolver o gosto pela leitura e se tornarem leitores pelo prazer que um bom livro oferece.

Assim, podemos dizer que realizar algumas reflexões sobre a leitura se torna necessária, uma vez que a preocupação de transformá-la em prazer, aprendizagem e enriquecimento para a criança deve se configurar como o principal objetivo do professor de Educação Infantil.

LEITURA, UNIVERSO INFANTIL E FORMAÇÃO DO LEITOR

Em nossa prática pedagógica estamos acostumados a discutir a respeito da leitura, de como é importante para a formação do aluno o fato de ele ler com fluência e frequência, e que tenha a leitura como hábito diário, entre outros aspectos que se apresentam constantemente quando o assunto é leitura. Essa discussão se estende também para a Educação Infantil, pois, embora os alunos desse nível de ensino ainda não leiam convencionalmente, a leitura faz parte do seu cotidiano como forma de comunicar-se com o mundo.

Por isso, a prática da leitura nesta fase necessita carregar um significado concreto para a vida da criança, visto que, como aborda a Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/RCNEI,

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio do trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Esta ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. (BRASIL, 1998, p. 117)

Como podemos ver, a política nacional para a Educação Infantil, aponta para uma valorização da fala da criança, pois ao considerar a linguagem oral como subsídio da aprendizagem,

procura trabalhar as potencialidades que os alunos apresentam com relação ao trabalho com a leitura, considerando que ao chegar a escola, trazem todo um repertório literário de sua cultura.

Conforme o exposto pelo RCNEI, podemos perceber que a preocupação com um trabalho significativo de leitura já está presente nos programas e planejamentos das políticas para a educação, inclusive para a Educação Infantil. Com isso, não podemos negar que há um caminho sendo trilhado na busca pela formação de leitores, pois sabemos que nos dias atuais as discussões acerca da leitura estão presentes em todos os segmentos sociais, principalmente na escola. Desse modo, não podemos perder de vista a importância da leitura para o ser humano, já que é através dela que desenvolvemos o processo de busca de informação e construção do conhecimento.

Contudo, o que se observa é que apesar de ser considerado tão importante, o gosto de ler nem sempre é desenvolvido na escola, visto que a leitura restringe-se ao hábito de ler, pois, na maioria das vezes, é realizada somente ao ambiente escolar como uma atividade por obrigação. Desse modo, o aluno ler na escola não pelo prazer que a leitura lhe proporciona, mas por saber que é algo que precisa ser feito, como cumprimento de uma atividade escolar. (VILLARDI, 2005).

Assim, podemos constatar que uma grande parte das pessoas apenas desenvolveu o hábito de ler, em seu percurso escolar. Porém, como o hábito de ler não é sinônimo de gosto pela leitura, como aponta Villardi, “[...] assim que abandona os bancos escolares seja em que nível for, [...] não é raro encontrarmos pessoas que jamais se interessam em ler sequer um jornal [...]” (VILLARDI, 2005, p. 05). De acordo com a autora, podemos afirmar que a escola enquanto instituição que tem a função de promover práticas de leitura e concretizar o ato de ler, não estar conseguindo fazer com que as pessoas desenvolvam o gosto e o prazer pela leitura afim de que sejam leitores durante toda a vida e não somente no decorrer da idade escolar.

Assim, Villardi (2005) sugere que para atingir o objetivo de formar leitores para a vida toda é uma tarefa que “[...] requer, inicialmente que a leitura seja tratada naquela perspectiva mais ampla, e também que o material sobre o qual o professor trabalhe seja capaz de levar o aluno a descobrir a sua capacidade libertadora e criativa” (VILLARDI, 2005, p. 11).

O contato com diferentes tipos de texto e aulas com objetivos determinados podem ajudar ao aluno a desenvolver o gosto e o prazer pela leitura. Outro fato que também pode contribuir para este fim se refere à diversidade de leituras que se pode oferecer ao aluno, assim como a liberdade de escolha de determinados livros, já que é pelo contato com os livros que iniciamos nossa prática enquanto leitores. Na Educação Infantil, como as crianças são muito pequenas e ainda não desenvolveram as habilidades da leitura convencional, este contato pode dá-se através de diversas

formas como por exemplo: o contato direto com o livro, proporcionando momentos em que a criança ler sem saber ler; as leituras realizadas por adulto; as formas lúdicas de apresentar os textos/as histórias para as crianças por meio de encenações, dramatizações; a contação de histórias, dentre outras formas que contribuem para que, desde cedo, a criança se encante com a leitura e vá desenvolvendo o gosto e o prazer por essa atividade.

Sobre este aspecto, podemos nos referir ao pensamento de Abramovich (1997), quando enfoca que o primeiro contato que a criança tem com a leitura é através da audição. É ouvindo histórias que a criança aprende a se emocionar com uma boa leitura. A autora revela seu pensamento dizendo: “Ah, como é bom para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16). Portanto, o aspecto emocional torna-se relevante na formação do leitor.

Para desenvolver um bom trabalho de leitura em sala de aula, é de grande relevância que o professor conheça o nível de aprendizagem das crianças, para trabalhar sempre de acordo com as condições de desenvolvimento da turma, ou seja, é importante que a leitura escolhida seja adequada a faixa etária dos alunos, para que haja interação e conseqüentemente possibilite o avanço da Zona de Desenvolvimento Proximal para a Zona de desenvolvimento Real.

Um dado importante também discutido por Villardi (2005), refere-se às práticas pedagógicas que envolvem a leitura, segundo a autora essas estão sempre carregadas por uma mecanicidade de perguntas e respostas prontas que não envolvem o aluno e nem despertam a curiosidade pelo texto, nem pela busca de mais informações sobre o mesmo. Sobre isso a autora aponta que:

[...] para que se reverta esse quadro, é imprescindível que se possa criar uma atitude positiva do aluno frente ao trabalho que a ele será apresentado. Sendo assim, as atitudes que antecedem o trabalho com o texto propriamente dito, devem ser o mais lúdico possível. Atividades que envolvam toda a turma. (VILLARDI 2005, p. 44)

A autora recomenda o trabalho com as atividades lúdicas no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, tendo em vista que as práticas lúdicas chamam a atenção da criança, envolvem as nas atividades, proporciona momentos prazerosos, o que possibilita a construção na criança, do gosto pela leitura.

Para discutir a ludicidade na leitura recorreremos a Bettelhem (2001), que discute a importância da leitura de contos de fadas no desenvolvimento infantil. Nesse sentido, o autor aborda que a leitura dessas histórias favorece não apenas ao desenvolvimento das habilidades motoras de

leitura e escrita, mas oferece a criança um significado muito mais amplo. E acrescenta que os contos de fadas ajudam as crianças a resolverem seus conflitos internos. Para ele,

[...] os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, a pré-consciente e a inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança. (BETTELHEM 2001, p. 14)

Desse modo, podemos entender que com a leitura de contos de fadas a criança tem contato com os signos linguísticos e também aprende a resolver seus conflitos internos. Sendo assim, para desenvolver o gosto pela leitura é necessário que esta lhe proporcione momentos de prazer onde o indivíduo reflita sobre o mundo em que vive e sobre sua própria existência, assim como também viajar no mundo da fantasia. (VILLARDI, 2005)

Nessa perspectiva, compreende-se que os contos de fadas tem um papel significante na vida da criança, pois “[...] desde muito cedo os contos de fadas são narrados para os pequenos e que os mesmos demonstram interesse ímpar por escutar e contar histórias.” (CAVALCANTI, 2002, p. 68). Porém, a autora chama a atenção para o fato de que na sociedade atual a leitura dessas histórias está um pouco esquecida, pois a dinâmica da sociedade moderna vem substituindo esses hábitos pela televisão, o videogame, os computadores, etc.

Enquanto em outros momentos da história da humanidade a contação de histórias para crianças era tarefa dos pais, na nova sociedade esse papel é assumido pela escola, tendo em vista que, “[...] o principal motivo da escola passa pela ação de formar pessoas, construir identidade cultural, desenvolver o sentido de cidadania.” (CAVALCANTI, 2002, p. 71). E já que a própria sociedade delegou à escola a tarefa de contar histórias para as crianças, cabe aos professores aproveitar os momentos de narrativas para formar leitores satisfeitos com a magia dos livros.

Podemos dizer que as narrativas fazem parte da vida do ser humano, e sendo assim, se apresentam hoje mais comumente em forma de escrita, ou seja todas as narrativas que compõem a tradição oral, foram sendo registradas ao longo dos anos em forma de escrita, por isso, podemos encontrar atualmente inúmeras versões dessas histórias tradicionais que estão presentes em nossas escolas através dos livros, e com elas, incentivar as crianças a adentrarem no mundo da literatura.

Nessa perspectiva, inferimos que, especialmente na educação infantil, onde as crianças ainda são muito pequenas, a contação de história se apresenta como um recurso metodológico que encanta, ao mesmo tempo em que educa através das narrativas, pois as histórias ajudam as crianças a mergulharem no mundo da cultura, conseguindo, a partir da palavra, internalizar os significados

de sua cultura, como também estabelecer uma relação com o outro. Sobre este aspecto, Fontana e Cruz enfocam que: “a partir de suas relações com o outro, a criança constrói internamente as formas culturais de ação e pensamento, assim como as significações e os usos da palavra que foram com ela compartilhados.” (FONTANA E CRUZ, 1997, p. 61).

Desse modo, o professor tem na narração de histórias um recurso pedagógico que fala de uma maneira que é totalmente familiar ao pensamento das crianças, pois estas estão inseridas no mundo mágico da fantasia e é desse mundo que elas apreendem significados para a sua vida real, isto é, as crianças desenvolvem sua aprendizagem a partir das histórias ouvidas. Sendo assim, ao introduzir a criança no mundo da leitura a partir da contação de histórias, o professor estará mostrando que a magia da literatura está nos livros, e que é possível alcançá-la mesmo estando sozinho, para isso, basta ler.

Sobre este aspecto, o autor e psicanalista Bruno Bettelheim, procura mostrar como as narrativas, especialmente os contos de fadas, ajudam as crianças em sua formação pessoal, enfocando que, através dos contos de fadas:

[...] pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória (sic!) dentro de uma compreensão infantil. Como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhes são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam. (BETTELHEIM, 2001, p. 13)

Nessa perspectiva, os contos narrados pelo professor em sala de aula, além de favorecer o desenvolvimento do gosto de ler, contribuem para que a criança possa resolver os conflitos internos pelos quais esteja passando, uma vez que as histórias trazem sempre algum tipo de ensinamento, que faz com que o aluno internalize conhecimentos, normas valores ou regras, que do modo convencional seria mais difícil de serem compreendidas.

Além de ajudar a criança a resolver seus conflitos, a contação de histórias na educação infantil também ajuda a inserir as crianças na cultura de sua época, a partir do momento em que proporciona a interação entre o grupo, o que faz com que as manifestações culturais sejam concretizadas dentro do contexto escolar. Sobre este aspecto, Kramer enfatiza que: “as crianças produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo)”. (KRAMER, 2006, p. 16, grifos da autora). Assim, ao ouvir histórias, as crianças desenvolvem também seu aspecto cultural.

Assim, compreendemos que as narrativas são parte fundamental da vida das crianças, e assim sendo, o professor precisa se tornar um contador de histórias, uma vez que, quando as crianças são ainda muito pequenas, demonstram interesse pela história contada e não lida, cabendo ao educador, desenvolver a habilidade de contar de uma forma que possa envolver as crianças no mundo das narrativas, ou seja, o docente se torna também um artista, pois como aborda Busatto, “contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar.” (BUSATTO, 2003, p. 09)

A Educação Infantil, é pois, uma etapa do ensino em que a narrativa se configura como um caminho mais viáveis para inserir o aluno no mundo da leitura, e se essa inserção se der de uma maneira prazerosa, será bastante provável que esses alunos venham a se tornar leitores efetivos, pois terão a leitura como algo essencial para sua qualidade de vida.

A EDUCAÇÃO INFANTIL E O PRAZER DE LER

É um fato inquestionável que as crianças vão à escola com o objetivo maior de aprender a ler e a escrever convencionalmente, mas o que está em discussão aqui é até que ponto a escola de hoje está conseguindo formar verdadeiros leitores, ou seja, aquele leitor que ao sair da escola irá procurar um livro para ler, pois sabe que a leitura é uma fonte inesgotável de prazer.

Sabemos também que a leitura é uma ferramenta indispensável, na apropriação do conhecimento, como aborda Fontana e Cruz,

[...] Leitura e escrita são objeto de conhecimento (as crianças vão à escola para aprender a ler e escrever) e instrumento para a apropriação de outros conhecimentos (utilizando essas atividades, nós, professores, ensinamos), além de instrumento de trabalho dos professores, meio de comunicação na comunidade escolar (presente em bilhetes, avisos, boletins, murais, cartazes) registro, memória (nos planos, projetos, documentos, atas). (FONTANA E CRUZ, 1997, p. 208, grifos da autora).

Conforme vimos acima, a leitura e a escrita estabelecem importantes funções na vida escolar, pessoal e social. A autora acrescenta, ainda, o fato de a leitura servir de mediadora das interações sociais das crianças e questiona que mesmo com uma importância tão grande atribuída a leitura, ainda temos um alto índice de analfabetismo funcional. Esse analfabetismo funcional se deve, em parte, ao tratamento que a escola dá ao ato de ler, isto é, os professores se preocupam mais com a simples decifração do código do que com o significado que a leitura traz para a criança.

É justamente o significado de ler que a escola precisa ainda rever em sua prática pedagógica, afim de que possa vir a despertar no aluno o prazer de ler, uma vez que, como aborda Batista,

Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura e pelos livros são construídas, para algumas pessoas, no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outros, é, sobretudo, na escola que este gosto pode ser incentivado. Para isso, é importante que a criança perceba a leitura como um ato prazeroso e necessário e que tenha os adultos como modelo. Nessa perspectiva, não é necessário que a criança espere aprender a ler para ter acesso ao prazer da leitura: pode acompanhar as leituras feitas por adultos, pode manusear livros e outros impressos, tentando “ler” ou adivinhar o que está escrito. (BATISTA et. al, 2008, p. 40, grifo dos autores)

Assim, compreendemos que, conforme o pensamento dos autores acima, o prazer da leitura é algo que se constrói, e para a maioria dos alunos, especialmente os da escola pública, a sala de aula é o lugar onde eles se encontra com a leitura pela primeira vez e, muitas vezes, a aula é a única oportunidade de contato com o mundo dos livros. Tudo isso faz com a responsabilidade do professor aumente ainda mais no que diz respeito à formação do leitor.

Dessa forma, para que o prazer de ler apareça naturalmente nas crianças, o professor precisa fazer com que o aluno enxergue, na leitura, um mundo no qual possa se divertir, se emocionar e viajar na fantasia, provocando a vontade e aguçando o desejo pela leitura e ao mesmo tempo incentivos para que os educandos busquem sempre estar em contato com os livros, pois, “O incentivo ou o estímulo é peça chave para formar leitores que buscam a leitura pelo hábito, por prazer. Esse hábito é interiorizado desde muito cedo pela criança. por isso, a família exerce influência significativa, mas o professor também tem um grande papel a desempenhar.” (VARGAS, 2007, p. 14)

Nessa perspectiva, a Educação Infantil é uma fase muito decisiva na formação do leitor, já que é nela que as crianças darão início ao processo de leitura, bem como, começarão a realizar tarefas escolares que, com certeza, envolverão a leitura. Nessa etapa de ensino, o professor desempenha um papel de fundamental importância no, desenvolvimento de atividades de leitura que favoreçam e despertem o gosto e o prazer pela leitura, para que os pequenos leitores, tornem-se leitores para a vida toda. Para tanto, é preciso mostrar sempre que ler é uma atividade muito prazerosa, que vai muito além de decifrar palavras, faz com que o aluno fantasie, viaje para lugares nunca vistos, sinta emoção, vivencie situações do mundo adulto, etc.

Podemos dizer, ainda, que atingir o objetivo de desenvolver o gosto pela leitura se torna mais fácil na Educação Infantil, porque para as crianças mergulhar no mundo mágico da leitura é algo natural, pois os pequenos são naturalmente envolvidos pela fantasia. Cabe então ao professor dedicar seu tempo a conhecer o mundo da literatura, pois não se pode formar leitores sem sê-lo.

Portanto, acreditamos que a formação do aluno leitor precisa ser, antes de tudo uma continuidade da formação do professor leitor, este por sua vez, deve ser um leitor ávido de literatura, dado que é na literatura que se torna mais provável encontrarmos o prazer de ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto acima, somos capazes de dizer que uma das melhores formas para que o aluno encontre no ato de ler uma fonte de entretenimento, conhecimento e prazer, é a valorização da própria leitura, sendo que para isso, os professores, especificamente, na Educação Infantil, precisam estar atentos a esse fato, ou seja, observar se em suas aulas estar sendo dado o devido valor a leitura e se estar desenvolvendo um trabalho que realmente favorece o gosto pela leitura.

Sendo as classes de Educação Infantil, o período mais importante para formar o gosto pela leitura, uma das melhores formas de incentivar esse hábito com prazer é cercar as crianças de livros por todos os lados, para que as mesmas possam conviver com a leitura como algo natural e não imposto.

Desse modo, cabe ao educador o importante papel, a ser desempenhado no cotidiano da sala de aula, de mobilizar ações que promovam o gostar de ler e que as crianças sintam-se satisfeitas em realizar as atividades de leitura. Para tanto, é necessário que o docente reflita profundamente sobre sua prática, questione-se, pergunte-se sobre seu trabalho, seus objetivos e estratégias, reflita sobre as ações desenvolvidas no seu processo de ensino-aprendizagem da leitura, buscando dessa forma, desempenhar sua função de mediador da melhor maneira possível, bem como buscar de seus alunos o melhor desempenho com relação à leitura e ao prazer que ela nos oferece.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. *et. al.* Capacidades lingüísticas: alfabetização e letramento. In.: **Pró-Letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Nacional para a Educação Infantil**. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSSATO, Cléo. **Contar e Encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

FONTANA, Roseli. CRUZ, Maria Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In.: MEC/SEB. **Ensino fundamental de nove anos**; orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VARGAS, Andreza da Silva. Lendo com prazer: escutar história é um momento significativo para a criança. **Revista do Professor**. Porto Alegre. n. 89. p. 14. jan/mar. 2007

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitmark/Dunya, 1999.

